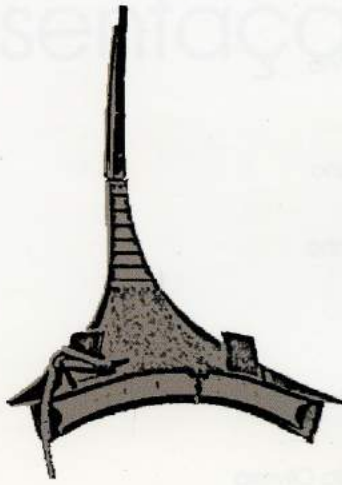
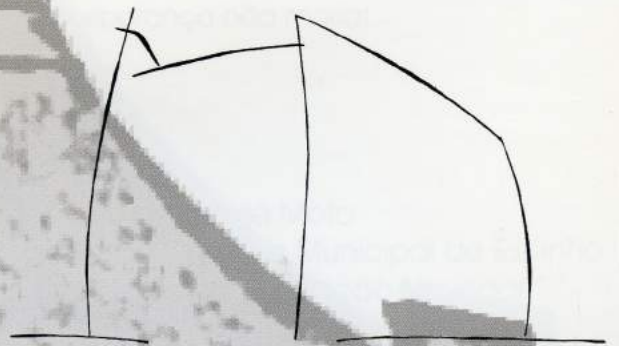
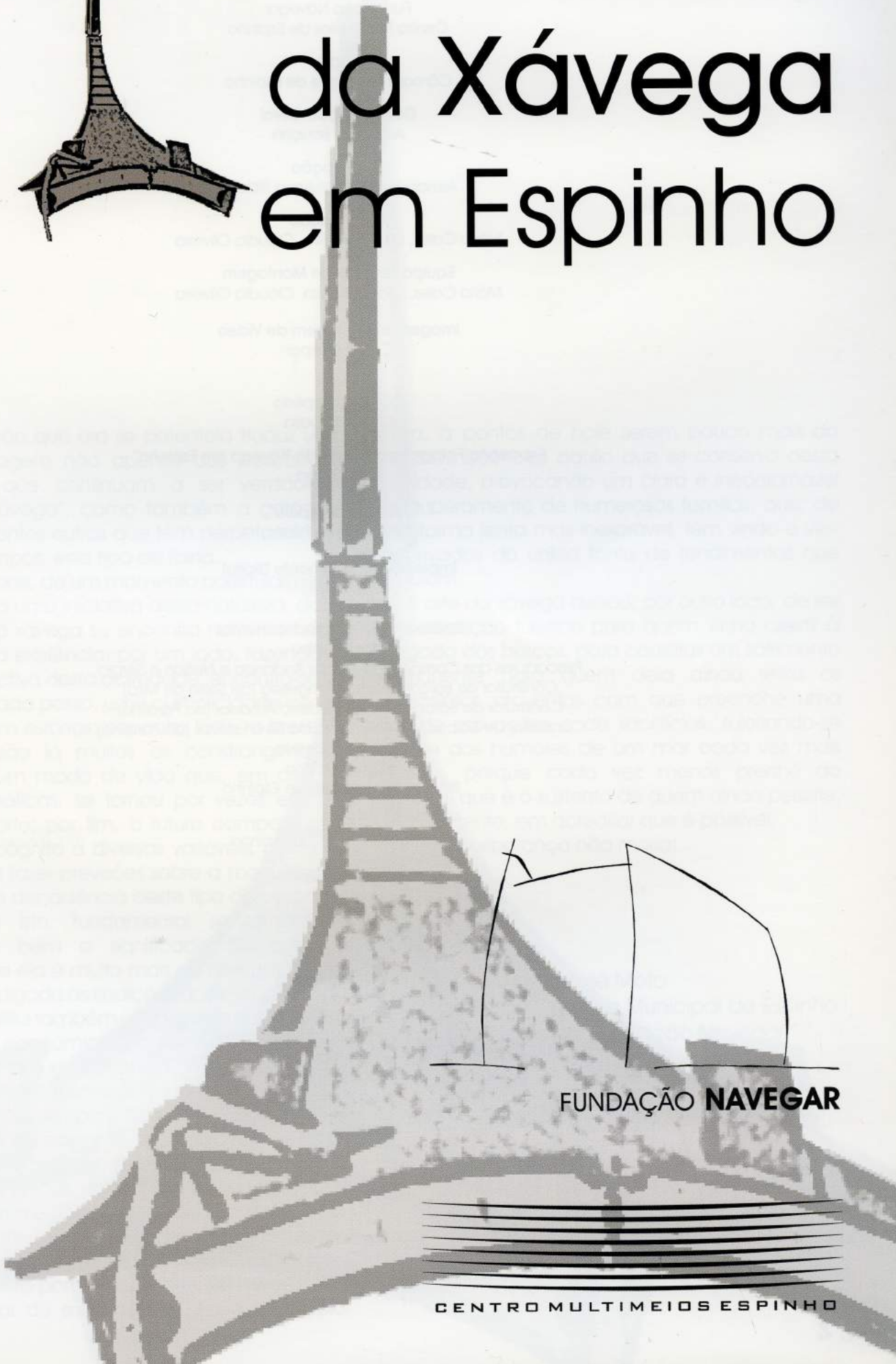


A Arte
da Xávega
em Espinho

Apresentação



A Arte da Xávega em Espinho



FUNDAÇÃO **NAVEGAR**

CENTRO MULTIMEIOS ESPINHO

Título

A Arte da Xávega em Espinho

Organização

Fundação Navegar
Centro Multimeios de Espinho

Apoio

Câmara Municipal de Espinho

Coordenação Geral

Armando Bouçon

Concepção

Armando Bouçon/Lilliana Ribeiro

Investigação

Mário Cales, Lilliana Ribeiro, Cláudia Oliveira

Equipa Técnica de Montagem

Mário Cales, Lilliana Ribeiro, Cláudia Oliveira

Imagem e Montagem de Vídeo

Carlos Gaspar

Filmes

Carvalho Baptista
Matos Barbosa

Exposição Fotográfica "A Arte da Xávega em Espinho"

Filipe Braga

Serviço de Apoio

Carlos Alberto Pereira

Impressão e Tratamento Digital

Multiponto

Colaboração e Agradecimentos

Artur Faustino

Pescadores das Companhas *Vamos Andando* e *Nelson e Sérgio*

Construtor de Barcos Mestre Evangelista (de Seixo de Mira)

Construtor de Barcos Mestre Fellsberto Amador (de Pardilhó)

Construtor de Barcos Mestre António da Silva Esteves (de Pardilhó)

Carvalho Baptista

Matos Barbosa

Biblioteca Municipal de Espinho

Local

Centro Multimeios de Espinho

Catálogo

Design Gráfico

Ivar Corceiro

Produção Gráfica

Multiponto, S.A. – Porto

2.ª Edição/07

Tiragem

1000 exemplares

ISBN:

972-98622-8-1

Depósito Legal:

197297/03

Página Web

Ivar Corceiro

<http://www.multimeios.pt/xavega>

Apresentação

A exposição que ora se patenteia traduz uma justa homenagem não apenas aos pescadores espinhenses que continuam a ser verdadeiros “artistas da xávega”, como também a gerações de tantos e tantos outros que têm perpetuado, ao longo dos tempos, este tipo de faina.

Trata-se, pois, de um momento particularmente oportuno para uma iniciativa desta natureza, dado que a arte da xávega se encontra num momento crucial da sua existência: por um lado, fazendo-se uma retrospectiva desta actividade, encontra-se no passado, a cada passo, uma cumplicidade com a história rica em *estórias*; por outro lado, o presente revela que são já muitos os constrangimentos existentes a um modo de vida que, em circunstâncias dramáticas, se tornou por vezes em um modo de morte; por fim, o futuro compagina-se com uma incógnita a diversas variáveis, pelo que se torna difícil fazer previsões sobre a manutenção ou a definitiva decadência deste tipo de pesca.

Por tudo isto, fundamental se torna que interiorizemos bem o significado da arte da xávega. É que ela é muito mais do que uma mera característica ligada às tradições do povo vareiro de Espinho: constitui também um alicerce que sustenta o património económico e cultural da nossa terra, extravasando a sua relevância, outrossim, para o contexto nacional. Com efeito, não é possível fazer-se a história de um país como o nosso sem que ela se baseie no conjunto das tradições regionais mais significativas e que, por serem pautadas por idiosincrasias únicas, constituem a diversidade de que se alimenta a unidade nacional.

Infelizmente, não podemos alimentar ilusões. Sendo que a crise de há muito se instalou no sector pesqueiro português, a arte da xávega não poderia deixar de ser afectada. Foi-o, e da pior

forma, a pontos de hoje serem pouco mais do que reminiscências aquilo que se conserva desta actividade, provocando um claro e incontornável depauperamento de numerosas famílias, que, de uma forma lenta mas inexorável, têm vindo a ver-se privadas da única fonte de rendimentos que possuíam.

A arte da xávega deixou, por outro lado, de ser uma atracção turística para quem vinha assistir à chegada dos barcos, para constituir um sofrimento permanente para quem dela ainda retira os magríssimos proventos com que preenche uma vida de provações e de sacrifícios, sujeitando-se sempre aos humores de um mar cada vez mais adverso, porque cada vez menos prehe do pescado que é o sustento de quem ainda persiste, teimosamente, em acreditar que é possível.

Que a esperança não morra!...

José Mota

Presidente da Câmara Municipal de Espinho
Presidente da Fundação Navegar

A "Arte Grande"

A topografia litoral do nosso território, juntamente com as condições hidrológicas marítimas, os climas e os meios humanos e técnicos (embarcações e instrumentos), são elementos que permitiram que em cada região portuguesa se impusesse um determinado tipo de pesca: a pesca a pé sobre as margens do mar e dos rios; a pesca costeira a pouca distância do litoral e com redes de menor dimensão; a pesca ao largo com redes de maior porte; a pesca em alto mar que requer meios técnicos e materiais mais exigentes.

Ao percorrermos a costa que vai de Espinho a Vieira de Leiria, onde se pratica um tipo de pesca que tomou a designação de "Arte Grande" ou "Arte da Xávega", deparamos, quase sempre, com uma actividade piscatória que ainda tem muito de tradicional. Assente numa técnica com características peculiares, da qual devemos destacar o tipo de embarcação e as dimensões das redes, e moldada por um tipo humano original que desenvolveu uma forma particular de organização social, a Xávega, encontra-se no limiar do século XXI, nos limites da sua própria sobrevivência. Se nos detivermos um pouco sobre a memória da pesca de arrasto em Espinho, podemos observar que houve uma forte diminuição do número de companhias e por consequência do número de pescadores. A este facto não é alheio as sequentes crises económicas porque tem passado o sector da indústria da pesca em Portugal, e também a falta de incentivos e perspectivas de redimensionamento da pesca artesanal, tendo em conta as suas especificidades e importância local.

Pensando no legado positivo da nossa história, no qual o mar surge como um factor decisivo na construção e desenvolvimento económico e social das povoações costeiras, urge prestar uma homenagem pública ao povo vareiro de Espinho. Nesse sentido, concebemos uma exposição que

pretende retratar os aspectos mais característicos da Arte da "Xávega", termo que deriva da palavra árabe "Xabaka" e que define o aparelho de arrasto demensal, não esquecendo as questões inerentes às sociabilidades deste grupo social.

Por último, os excertos de textos de autores portugueses que escreveram sobre esta temática e que estão inseridos em vários painéis desta exposição, são uma forma de mostrar a nossa gratidão a todos aqueles que com a força da sua escrita não deixaram cair no esquecimento uma herança que nos é comum: - "**De Espinho Viva! Sardinha e Pequenina!**".

Armando Bouçon

Técnico Superior de História da Câmara Municipal de Espinho

A Arte da Xávega em Espinho

Inicialmente tudo era areia, mar e gaivotas. Espinho ainda não conhecia as gentes, nomeadamente, aquelas cuja força do mar atraiu e por cá ficaram. Oriundos do Furadouro, homens decididos a trabalhar no mar humanizaram a paisagem. Vieram a chamar-lhes Vareiros. Fixaram as suas raízes na praia da costa de Espinho, onde geraram uma colónia piscatória, construíram palheiros de abrigo e fundaram uma povoação a que denominaram Espinho.

A força dos homens do mar alcançou fartura de pescado mas ainda não se conhecia técnica de conservação eficaz que garantisse a sobrevivência das famílias. Assim, em 1776 Jean Pierre Mijaule de Languedoc registou carta de privilégio e estabeleceu-se em Espinho, com a sua fábrica – dizia-se “a do Estrangeiro” – onde se conservava a sardinha pelo processo de salga, com um segredo que veio revolucionar toda a vida local, durante largos anos¹.

Nos primórdios, era colocada em prática a pesca nas redes denominadas do «chinchorro» de arrasto, de reduzidas dimensões. Todavia, com a abundância da captura da sardinha, os pescadores inovaram, as redes queriam-se maiores, e estabeleceram a Arte Grande ou a Arte da Xávega, um processo igualmente artesanal que designa uma agremiação formada por sociedades com capitais realizados ou individuais e que deu origem às «Companhas» de arrasto costeiro².

Eventualmente, o número de sócios não correspondia aos responsáveis e donos da sociedade formada com capital, mas sim, ao número de pescadores contratados para ocuparem funções específicas, tais como o «arraís de mar», o «arraís de terra», o «procurador», que se encarregava das finanças e o «escrivão» que tratava do expediente da sociedade³. Assim, os homens dividiam-se em dois grupos. Por um lado os «homens do mar», isto é, os remadores que conduziam o barco para o «largadouro» onde era lançada a rede, e os «homens de terra» que se encarregavam dos «aparelhos», isto é, as redes e as cordas. Primitivamente as redes eram puxadas à mão⁴.

A partir do momento em que a rede era largada os homens de mar, os de terra e os populares desdobravam-se no arrasto das redes e ao som do rufar de bombos e cânticos, puxavam para terra o «lanço», ou seja, as cordas que estavam ligadas às redes e que fazem a ligação ao enorme «saco» onde no mar é capturada a colheita do pescado⁵.

O caminho de ferro, ampliou o comércio pesqueiro e conduziu ao desenvolvimento de colónias populacionais assim como das já mencionadas «artes grandes». Surgem, desta forma, as primeiras embarcações de maior porte, as «companhas». Cada uma tinha o seu grupo constituído por homens, mulheres e crianças. Curiosamente, cada grupo tinha um comandante e um cantador que entoava cânticos de ânimo e apoio ao trabalho da Companhia. Quando finalmente as redes chegavam ao areal a alegria e satisfação tomavam conta de todos e pode dizer-se que era uma verdadeira festa⁶.

Chegado ao areal, o, pescado era separado e colocado em cestos de rede, denominados “rapichéis” ou “redanhos”, sendo a sardinha contada aos milhares ou “macolas” e levada pelas mulheres que de canastra à cabeça apregoavam: *D’ Espinho, Viva!*⁷.

O pessoal que trabalhava na Companhia

1 LIMA, André de – *Espinho – Breves apontamentos para a sua história*. “Espinho – Boletim Cultural”, Espinho, Edição da Câmara Municipal, vol. I, nº 1, 1979, p. 21.

2 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 13.

3 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 15.

4 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 18.

5 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 19.

6 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p.17.

7 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 63.

era comandado pelo Arrais, figura de elevada importância que era também encarregue de tripular o barco, deitá-lo ao mar e encalhá-lo, dispor a rede para o arrasto e certificar a sua manutenção⁸.

Todavia, mais tarde, os donos das Companhas tomaram consciência do quanto podiam economizar se o trabalho do puxar das redes fosse feito por animais, especificamente juntas de bois, perdendo-se assim a animação típica desta faina tal como era vivida até então. Esta iniciativa contribuiu para um maior alcance de interesses entre as comunidades piscatória e rural. O contrato estabelecido com os lavradores, aos quais pertencia o gado, era elaborado em simultâneo com os pescadores. Os lavradores tinham direito a "caldeirada" diária e o seu pagamento era efectuado por lanço "à vara" conforme o esforço que dispndiam na tiragem das redes⁹.

Até aí ninguém recebia pagamento certo, na medida em que este dependia do produto dos lanços. Depois do aparecimento do gado os pescadores começavam a ser contratados e a receber por anuidade a denominada soldada assim como a "teca", que se pagava semanalmente e resultava dos apuros. Os pescadores estendiam na areia o saco da Companhia, de malha mais apertada que as redes e o patrão despejava nele o dinheiro realizado pela Companhia na venda do peixe, fazendo a partilha por terços. Um terço destinava-se a economia para a soldada anual dos pescadores, manutenção da empresa e lucro do Arrais, que também tinha direito ao produto da venda do "peixe de escolha" ou "peixe fino". Os restantes dois terços eram distribuídos pelos pescadores segundo direitos de contrato¹⁰. No último mês do ano o patrão reunia os seus homens para saber quais os que queriam continuar na Companhia e, se a resposta fosse afirmativa, recebiam uma importância como sinal do ajuste da soldada. Depois de toda a Companhia contratada, os funcionários da Capitania de Aveiro

deslocavam-se a Espinho para fazer a matrícula e só nessa altura é que o pessoal recebia a restante soldada, que variava consoante as tarefas desempenhadas por cada um¹¹.

A Companhia que esteve mais tempo em actividade foi a "Velha", na medida em que passou por várias gerações¹². Materialmente, as Companhas são constituídas por barcos, pescadores e apetrechos, tais como redes, cordas e alfaias adaptadas a este sistema de pesca. Cada sociedade possuía no mínimo dois barcos, o que permitia o revezamento e prevenia danos. Contrariamente ao que se pode pensar, não são apenas os barcos que dão o nome à Arte, mas também as redes utilizadas para o arrasto. De acordo com Agostinho Isidoro¹³, o barco Xávega pode ser usado por uma companhia de 60 homens, distribuídos por terra (24) e por mar (36) diariamente, sazonalmente, nos meses de Verão e alguns da Primavera e do Outono. Para além do uso no mar, é conveniente que esteja equipado para ser arrastado em terra, para tal possui um casco robusto capaz de responder à salinidade corrosiva e ao atrito provocado pela areia. Na medida em que não possuía leme, a locomoção era realizada através de remos e a orientação da embarcação é sempre executada pelo arrais que a orienta no sentido de conseguir o melhor lanço¹⁴.

Em períodos de abundância de pescado e conseqüente grande concorrência, era frequente ocorrerem as denominadas "ricaxias", isto é, fortes disputas entre as Companhas na procura de um melhor local para o lançamento das redes¹⁵.

A vida no e do mar era, porém, incerta. O pescado não era estável e os homens do mar desesperavam de cada vez que prevalecia a incerteza de boa safra. Os dados que se podem apurar através de registos de diversos jornais de Espinho, são a prova concreta disso mesmo. Em meados de Setembro de 1903, escrevia-se na

8 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhias de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 44.

9 MIGUEL, Fernanda – *O Primeiro Autarca de Espinho e Memórias Antigas 1889, 1999*, p. 130.

10 B.M.E. – *Defesa de Espinho*, suplemento à edição n.º 2690, 20 de Outubro de 1983.

11 FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhias de arrasto costeiro*, Espinho, Edição do Autor, 2002, p. 34.

12 B.M.E. – *Defesa de Espinho*, suplemento à edição n.º 2690, 20 de Outubro de 1983.

13 De acordo com outras fontes, a tripulação da uma Xávega podia transportar também de 8 a 10 homens, o que nos leva a concluir que este número dependia directamente da dimensão do barco.

14 FIDALGO, Manuel – *Barco da Xávega - Tecnologia da sua Construção*, Lisboa: Edições Colibri-Inatel, 2000, p.19.

15 MIGUEL, Fernanda – *O Primeiro Autarca de Espinho e Memórias Antigas 1889, 1999*, p. 119.



Gazeta de Espinho, que os pescadores estavam inconsoláveis: "A classe piscatória de Espinho atravessa uma angustiosa crise. Apesar da labuta constante em lances de perigo e audácia, as companhias de pesca da sardinha sofrem um verdadeiro desastre económico" [e] "as despesas de cada companhia orçavam anualmente por 9 contos de reis e que nenhuma das empresas aqui estabelecidas tinha conseguido no decurso do ano obter receita que atingisse a cifra de 3 contos de reis". Ainda em meados de 1906, e de acordo com notícias da época, a pesca da sardinha começou a escassear e em Espinho chegou mesmo a vender-se sardinha vinda de Sesimbra, a qual na opinião dos pescadores "nem toda era grande mas sim mistura"¹⁶.

A pesca em Espinho cujas Companhias conseguiram lanços copiosos de sardinha de boa qualidade e "peixe de escolha" tal como corvinas, peixe-galo, raia, pescada e robalo, entra em decadência com a abertura da barra e da doca de Leixões. Com o porto de Leixões, as traineiras infestavam o mar de Espinho. Preocupados com a insuficiente fiscalização da faina das traineiras, os pescadores de Espinho chegaram mesmo a dirigir-se (por escrito) ao Chefe do Departamento Marítimo do Norte, apelando ao rigor na fiscalização das explosões de dinamite provocadas pelas traineiras, e que segundo eles se tratava de um "verdadeiro crime que [os tinha] arruinado, semeando a fome e a miséria em todas as praias do Norte."¹⁷

A pesca de arrasto estava condenada a um fim a curto prazo. Em 1947 escrevia-se no *Jornal Defesa de Espinho*: "A pesca de arrasto não pode praticar-se com qualquer estado de mar, como acontece com os modernos processos piscatórios."¹⁸ Os pescadores que possuíam bens, riqueza ou artes, conseguiram sobreviver. Porém, os que viviam da Companhia e cuja subsistência dependia da soldada, caíram na pobreza.

Anos mais tarde, alguém cuja bravura e empenho tomou de assalto clamou: Faça-se uma Companhia! Foi tal a quantidade de homens que aderiu ao apelo, que se fundaram duas novas Companhias, a "Limonada" e a "Cachimbó". Durante alguns anos estas Companhias trabalharam no mar de Espinho, todavia as mulheres dos sócios desentenderam-se, levando os homens à dissidência. Da boa vontade remanescida de alguns homens desta Companhia surgiu a "Velha" em homenagem à preliminar "Velha" ou do "Senhor dos Aflitos" e à "Velha" ou de "S. José de Ribamar". Sucede-se um desenrolar de vitórias e fracassos no mar caracterizados pelo surgimento de novas companhias, como foi o caso da "Companhia Nossa Sr.^a de Fátima", assim como pelo desaparecimento de outras como a "Companhia da Sr.^a da Saúde"¹⁹.

Todavia, os pescadores de Espinho não poupavam esforços para que o seu povo continuasse a saborear a autêntica "vivinha de Espinho", mas a aproximação de um fim para a arte da Xávega estava eminente, a ameaça das traineiras, o estado agitado do mar, a fuga inexplicável do pescado para sul, todos estes factores contribuíram para que os pescadores procurassem trabalho na pesca do bacalhau, enquanto que outros se ficavam pela praia, sonhando com melhores dias.

Pode considera-se que, no período compreendido entre 1960 e 1969, a pesca pelo processo da Xávega foi próspera, na medida em que algumas companhias estiveram em actividade e o negócio da venda do pescado foi favorável aos homens do mar. Assim, de acordo com registos de 1960, novas companhias iniciavam a faina no mar, como foi o caso da Companhia Nossa Sr.^a da Ajuda e Nossa Sr.^a de Fátima. As embarcações eram benzidas e baptizadas e uma missa solene era rezada com intuito de proteger quer os barcos, quer os seus tripulantes.

¹⁶ BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Análise da história de Espinho (1985-1926)*, Espinho, Edição da Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Espinho, vol. I, 1991. p. 105.

¹⁷ B.M.E. – *O Reformador*, n.º 86, 22 de Junho de 1924. p. 1.

¹⁸ B.M.E. – *Defesa de Espinho*, n.º 777, 16 de Fevereiro de 1947, p.1.

¹⁹ MIGUEL, Fernanda – *O Primeiro Autarca de Espinho e Memórias Antigas 1889*, 1999. p.133.

Neste período começa-se a falar na função turística e lúdica da pesca, "o que representa[va] não só uma função industrial como também uma actividade de carácter turístico que turistas nacionais e estrangeiros muito apreciam"²⁰

A partir de 1970 muitas das empresas de pesca começaram a desistir do processo de pesca artesanal. A continuação com a arte da Xávega conduzia os pescadores à ruína e à miséria. Para infortúnio de muitos, o fim das companhias não era consequência apenas da falta de pescado ou de condições, mas também pela crueldade de alguns que destruíam as embarcações sem piedade. Tal veio a verificar-se com a embarcação de Paramos, como nos é relatado no jornal Defesa de Espinho, de 8 de Julho de 1977: "A Companhia de Paramos destruída por criminoso fogo posto (...) empregava na artesanal pesca de arrasto daquela praia cerca de 30 humildes pescadores. Acção criminosa segundo se prevê, que destruiu o barco e redes deixando para já sem trabalho aqueles homens do mar."²¹

A imobilização em terra dos barcos por falta de trabalho, foi também motivo de diversos acidentes no mar, como sucedeu com a embarcação Viking I, que devido ao calor que se fazia sentir nesse Verão, abriu fissuras no casco que viriam a provocar a entrada de água no interior do barco. Em socorro dos 4 homens que seguiam na embarcação, foi a "Companha Vamos Andando", que regressava a terra carregada de peixe ao fim de algumas horas no mar. Os pescadores desta companhia ficaram, contudo, prejudicados ao procederem ao salvamento dos colegas de profissão, na medida em que perderam no salvamento muito do peixe que transportavam²².

Actualmente a principal causa de angústia da classe piscatória é sem dúvida a falta de trabalho. Pelo contacto que foi permitido estabelecer com os arrais das duas companhias ainda em actividade

na praia de Espinho, - "Companha Nelson e Sérgio" e "Companha Vamos Andando" -, facilmente se chegou à conclusão de que os homens do mar continuam a viver no extremo da pobreza. Pode mesmo afirmar-se que as condições materiais de há cem anos atrás não sofreram alterações significativas, na medida em que, o pescador só recebe salário quando a embarcação sai para o mar; está dependente quer das condições climatéricas, como também da existência e quantidade de pescado; é quase sempre o único rendimento de uma família que podemos considerar numerosa - em face do salário que auferem; para subsistir vive das ajudas dos patrões e de trabalhos esporádicos.

Liliana Ribeiro

Estagiária do 5º ano do Curso de Gestão do Património.

Instituto Politécnico do Porto. / Escola Superior de Educação do Porto.

20 B.M.E. - Defesa de Espinho, n.º 1867, 6 de Janeiro de 1968, p. 1.

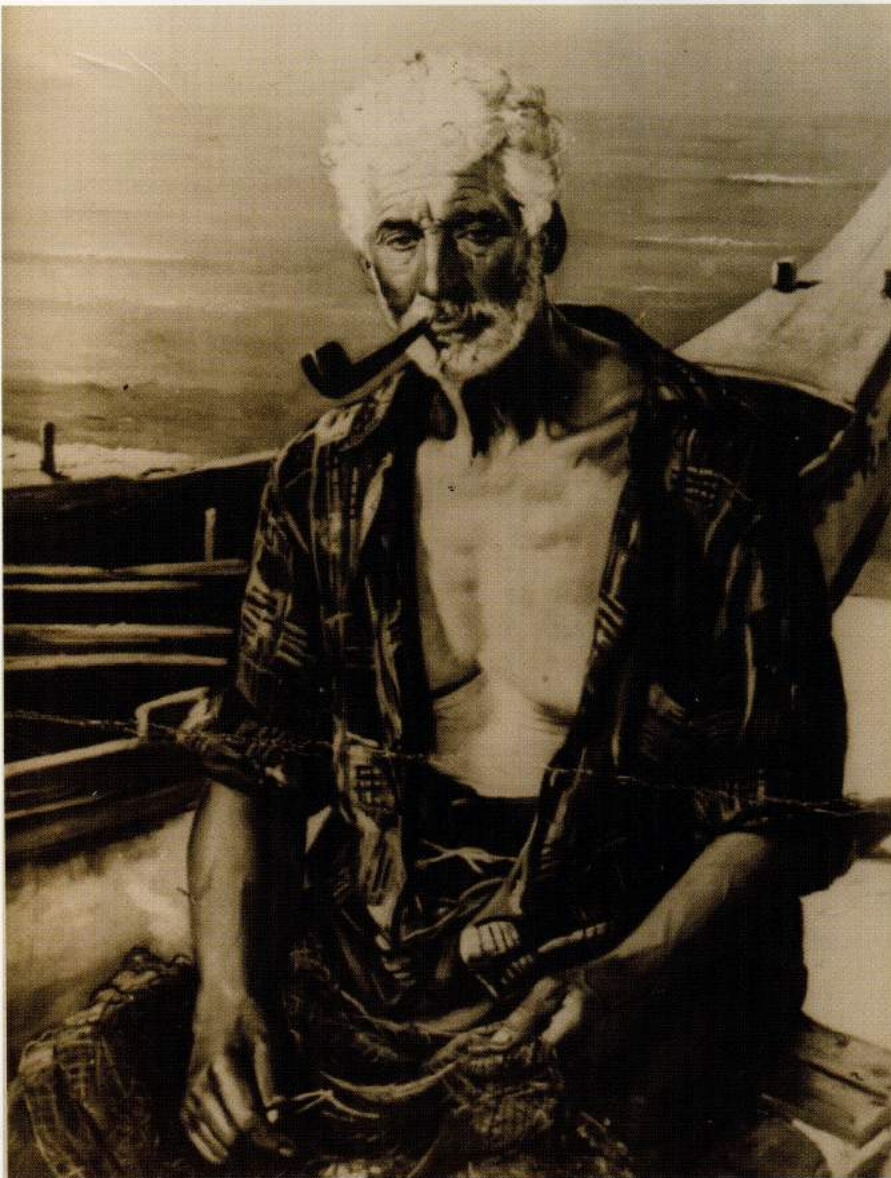
21 B.M.E. - Defesa de Espinho, n.º 2361, 8 de Julho de 1977, p. 1.

22 B.M.E. - Defesa de Espinho, n.º 3355, 18 de Julho de 1996, p. 2.

Fotografias



> B.M.E. - Vareiras Albertina "do Padre", Carolina "Poveira", Emília Flora e Micas "do 24", 1974.



> B.M.E. - Pescador Alcino Gonçalves Marinhão ("Alcino Caréu"), [s.d.].





> B.M.E. - Arrais "Torreco"
olhando o mar, 1979.



> B.M.E - Arrais Zé "Barraca",
1973.



> B.M.E. - Barco da Companhia Nossa Senhora da Ajuda, [s.d.]



> B.M.E. - Vareira Carolina "Poveira", 1972.





> B.M.E - *Filhos de pescadores*, 1978.



> BAPTISTA, Carvalho - *Filhos de pescadores*, anos 70 do séc.XX.



> B.M.E. - *Companha de pesca vencedora da ricaxia, 1940/45.*



> B.M.E. - *Barcos da Companha de Paramos, 1982.*





> B.M.E. – *Vareira Fátima*
"Rabeca" com criança ao
colo, 1972.



> B.M.E. – *Pescador Francisco*
"Russo", 1974.



> B.M.E. – Pescador
Manuel "Truta", [s.d.].



> B.M.E. – Vareiras
Isaura "da Pomba" e
Cândida "Galante",
1974.





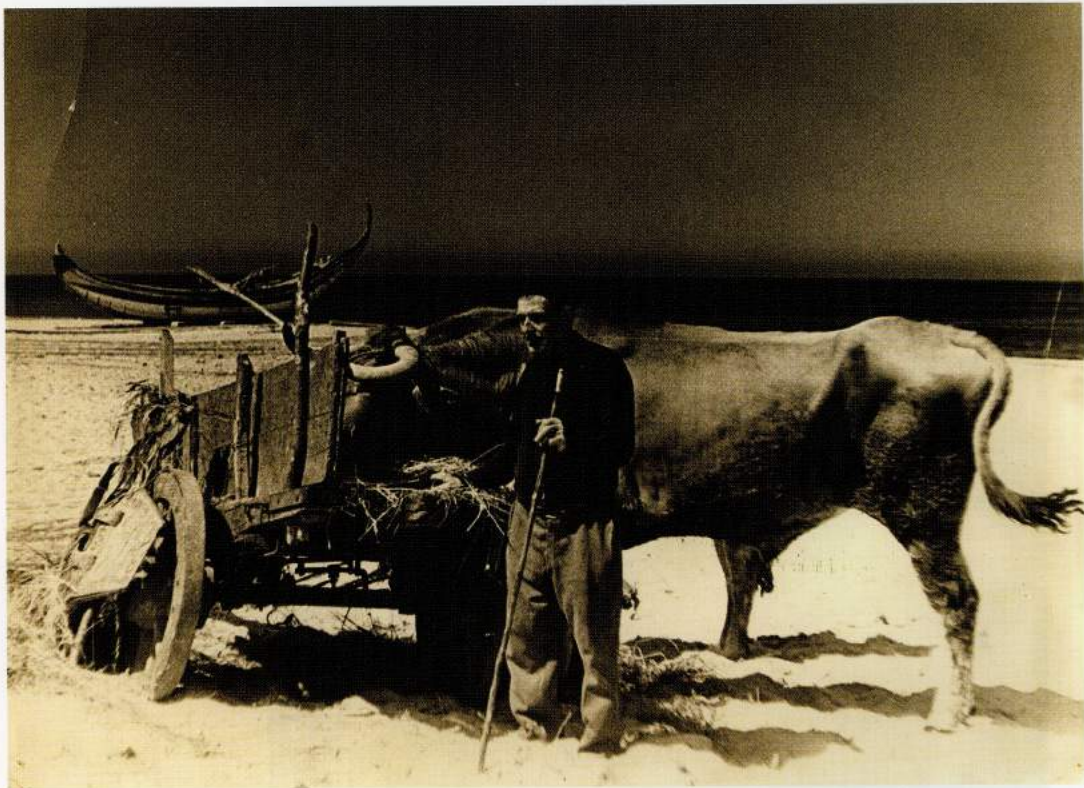
> B.M.E. – Vareiras Maria Emília e Maria "Rata", 1974.



> BAPTISTA, Carvalho – Bairro piscatório, anos 70 do séc. XX.



> BAPTISTA, Carvalho – *Junta de bois puxando as redes*, anos 70 do séc. XX.



> B.M.E. – *Lavrador "Ti Cigalho"*, [s.d.].





> B.M.E. – Pescadores Albano "Porrão", Serafim, Manuel "Xanis", Jacinto "Russo", Adão Marinhão, Fernando "Ganhuço", Chico do "Ferreiro" e Carlos Rufino, [s.d.].



> B.M.E. – Pescador Mário "Caréu", 1973.



> B.M.E. – Vareiras Olga "do Ai" e Inês "do 30", [s.d.].



> B.M.E. – Vareira na venda do peixe, 1972.





> B.M.E. – Pescadores Mário “Pachacha”, Alberto “Al” e Mário Evaristo, 1987.



> BAPTISTA, Carvalho - Barco da Companhia S. Pedro, anos 70 do séc. XX.





> B.M.E. - *Apanha da sardinha, 1974.*



> B.M.E. - *Tiragem das redes, 1974.*





> B.M.E. – Rosa do "Ferreiro", [s.d.].



> B.M.E. – Entrada do barco no mar, 1974.



> B.M.E. – Vareira
Rosa "Ceguinha",
[s.d.].



> B.M.E. – Pescadores recolhendo os instrumentos de pesca,
1918.



> B.M.E. – Pescador
Silvério "Americano",
[s.d.].



> B.M.E. – Atador de redes "Ti Pomba", [s.d.].



> CORCEIRO, Ivar – A
Construção de um
Xávega, 2003



> B.M.E. – Vareira
Rosa "Jaca", 1986.





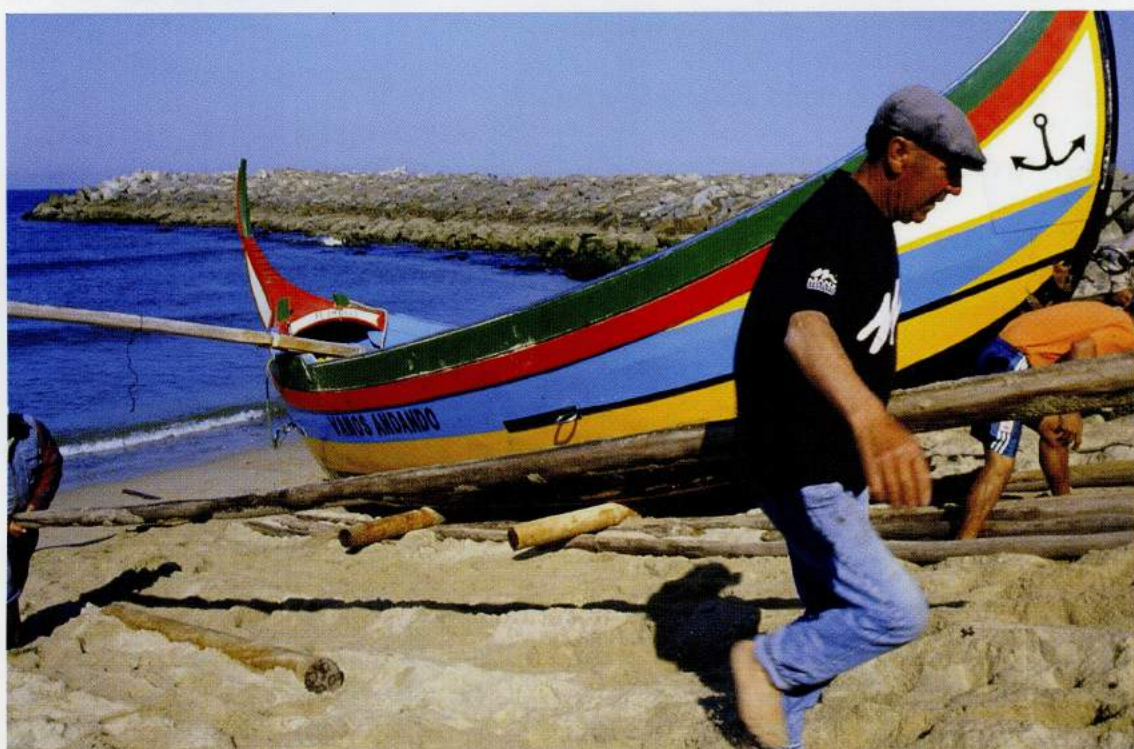
> CALES, Mário - *Companha Nelson e Sérgio*, 2003.



> BRAGA, Filipe - *Companha Vamos Andando*, 2003.



> CALES, Mário - *Companha Nelson e Sérgio*, 2003.



> BRAGA, Filipe - *Companha Vamos Andando*, 2003.



FONTES

FONTES IMPRESSAS

B.M.E. – *Defesa de Espinho*, 1932-1999.

B.M.E. – *Gazeta de Espinho*, 1901-1917.

B.M.E. – *Maré Viva*, 1976-1999.

B.M.E. – *O Reformador*, 1924.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Aires de – *Da Arte da Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 1999.

BOUÇON, Armando – *Sociabilidades e Marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. Tese de mestrado.

BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (1885-1926)*. Espinho: Edição da Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Espinho, vol. I, 1991.

BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (1926-1960)*. Espinho: Edição da Câmara e Junta de Freguesia de Espinho, vol. II, 1992.

BRANDÃO, Francisco Azevedo (dir.) – *Espinho – Boletim Cultural*. Espinho: Edição da Câmara Municipal, 6 vols., 1979-1984.

BRANDÃO, Raul – *Os Pescadores*. Porto: Porto Editora, 1990.

FAUSTINO, Artur – *Arte da Xávega - Pesca da sardinha nas companhas de arrasto costeiro*. Espinho: Edição do Autor, 2002.

FIDALGO, Manuel – *Barco da Xávega – Tecnologia da sua Construção*. Lisboa: Edições Colibri-Inatel, 2000.

GAIO, Carlos Morais – *A Génese de Espinho – Histórias e Postais*. Porto: Campo das Letras, 1999.

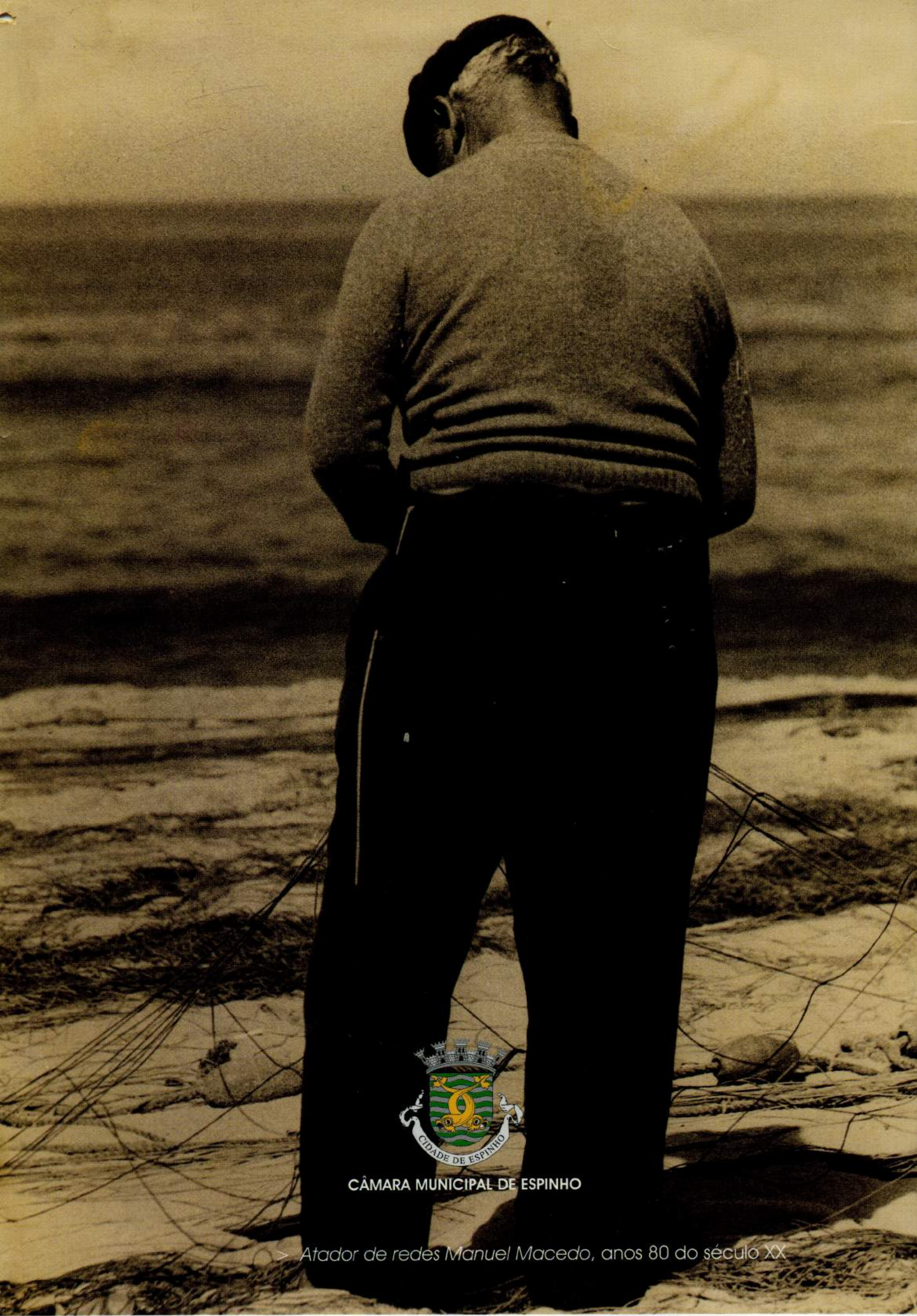
GAIO, Morais – *Fábrica de Conservas Brandão, Gomes & C.ª - Fragmentos da Memória de Espinho*. Espinho: Nascente – Cooperativa de Acção Cultural, 1984.

MIGUEL, Fernanda – *O Primeiro Autarca de Espinho e Memórias Antigas 1889*. Espinho: Edição da Autora, 1999.

MONTOITO, Eugénio – *Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século XIX*. Lisboa: Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda., 2001.

RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991.

UNAMUNO, Miguel de – *Por Terras de Portugal e da Espanha*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

> *Atador de redes Manuel Macedo, anos 80 do século XX*